



AS PALAVRAS COM VOLUME, PESO E CHEIRO DE GUILHERME MANSUR

MELLO, SIMONE HOMEM DE. *GUILHERME MANSUR*. COLEÇÃO EDITANDO O EDITOR, NÚMERO 9. SÃO PAULO: EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; EDITORA LABORATÓRIO COM-ARTE, 2018.

Flávia Denise Pires de Magalhães*

* flavia.denise@gmail.com
Jornalista, formada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas, 2008) e mestranda no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

O que me interessa em tipografia é exatamente a sua linguagem. O fato de se trabalhar com material pesado e duro não quer dizer que o resultado tenha que ser pesado. Tipografia não é carimbo. Tipografia é delicadeza.

Guilherme Mansur

Os processos de edição de texto e publicação dependem da tela do computador. Não importa como o autor escreveu (a mão, na máquina de escrever ou num dispositivo digital), na hora de preparar o texto, revisá-lo, diagramá-lo e imprimi-lo, o editor senta-se ao computador. Isto é, quase todo editor. Alguns deles mantêm viva a tradição de métodos de impressão mais antigos, a exemplo da tipografia,

cujas letras de metal e madeira mudam completamente a lógica da edição de uma obra.

É sobre esse tipo de trabalho, e mais precisamente sobre a história do tipógrafo, poeta, artista gráfico e editor Guilherme Mansur, que o livro homônimo se debruça. O texto assinado pela poeta, escritora e tradutora Simone Homem de Mello¹ é o resultado de três anos (2012-2015) de diálogos presenciais e a distância com o editor, que foram adequados, reorganizados e editados pela poeta para formar uma obra, dividida em dez seções, que pode ser lida como um longo e bem encadeado depoimento de Mansur, em primeira pessoa, sobre o trabalho de sua vida.

1. Mestre em Literatura Alemã na Universidade Colônia, ela publicou os livros de poemas *Périplos* e *Extravio marinho*.

O volume faz parte da coleção *Editando o Editor*, parceria das casas editoriais Edusp e Com-Arte. Com a declarada proposta de “reunir os relatos de editores importantes a respeito de suas práticas, que incluem seus erros e acertos, impasses e ousadias”, a coleção, coordenada por Jerusa Pires Ferreira, foi lançada em 1989, com volume dedicado a Jacó Guinsburg (editora Perspectiva). Ao longo de quase trinta anos, foram publicados livros dedicados aos editores Flávio Aderaldo (Hucitec), Ênio Silveira (Civilização Brasileira), Arlindo Pinto de Souza (Luzeiro), Jorge Zahar (Zahar), Cláudio Giordano (Giordano Editora e Oficina do Livro), Samuel Leon (Iluminuras) e Plínio Coêlho (Novos Tempos Editora), além do mais recente, sobre o mineiro Guilherme Mansur.

O início da história de Mansur com a tipografia é anterior ao seu trabalho como editor. Nascido em 1958 na cidade de Ouro Preto (MG), ele conta ter crescido dentro da tipografia de seus pais, sendo “alfabetizado por uma caixa tipográfica”:

Quando fui para a escola, para o primário, tive um choque, porque – no Grupo Escola – as palavras eram apresentadas pela professora no quadro negro, com giz. Fiquei chocado com aquilo, porque, no meu universo, as palavras tinham volume, tinham peso, tinham cheiro. Letra para mim era tipo móvel, não era letra feita com giz.²

Todo o relato do livro é construído a partir dessa primeira experiência de Mansur com os tipos móveis e da sua visão da letra como objeto, e não abstração. O retorno à infância funciona como uma maneira de marcar a distância entre a forma física com que o editor enxerga a escrita e a escrita projetada na tela, como imagem. Para Mansur, texto não é só verbo. Texto também é desenho. É o feitiço das letras, das palavras, dos parágrafos. E tem volume: o encadeamento de palavras e frases é palpável. Estabelecidas as origens de Mansur, um editor que enxerga a letra primeiro como forma e, depois, como sentido, a autora se concentra em narrar episódios da atuação profissional de Mansur, que leva o volume, peso e cheiro das letras a todos os seus trabalhos.

Não é simples a tarefa de Simone Homem de Mello de revisar e resumir toda a carreira de um artista que não só manteve em funcionamento sua Tipografia do Fundo de Ouro Preto durante as décadas em que o ofício parecia a caminho da extinção com as tecnologias digitais, mas o fez editando gente como Alice Ruiz, Paulo Leminski, Laís Corrêa de Araújo, Carlos Ávila, Haroldo de Campos, Arnaldo Antunes, Amílcar de Castro, Ricardo Aleixo, Waly Salomão. A estratégia da autora é não se demorar em nenhum aspecto da vida do editor, fazendo um rápido panorama dos projetos que o formaram tipógrafo e citando as principais realizações e parcerias de sua carreira.

2. MELLO. *Guilherme Mansur*, p. 27.

Em 1976, aos 18 anos, Mansur começou a publicar ao participar do movimento Arte Correio, no qual eram trocados cartões de artistas, via postal. Foi aí que conheceu Paulo Bruscky e outros participantes do projeto de diversas cidades brasileiras, estabelecendo seus primeiros contatos com personagens do mundo artístico que posteriormente se tornariam parceiros. Concomitantemente, começou sua atuação como editor com a revista-saco *Poesia Livre*. O projeto reunia “alguns amigos de Ouro Preto que escreviam alguma coisa” para publicar seus versos em sacos de pão, em tiragens de mil exemplares. Poetas como Paulo Leminski, Alice Ruiz, Affonso Ávila e José Paulo Paes estão entre os nomes publicados.

Se a abordagem da vida de Mansur era panorâmica no primeiro terço do livro, a partir do segundo, os casos, narrados em um texto fiel ao estilo de depoimento, sempre em primeira pessoa, vão se tornando ainda menos aprofundados no que parece ser uma tentativa de abarcar, mesmo que de forma superficial, todos os momentos e os parceiros relevantes de uma carreira de décadas. É nesse momento que a figura do editor Guilherme Mansur é consolidada:

Vejo o livro como objeto, como objeto semântico e objeto propriamente dito. Quando pego originais para que sejam transformados em livro, os textos me provocam a fazer uma releitura na forma tipográfica, na forma do livro como

objeto. Cada livro é um, cada livro tem seu desenho, seu formato, seu peso, seu volume, sua característica própria, do mesmo modo que cada autor é um.³

Os relatos merecem ser lidos na íntegra, mas cito José Mindlin, Laís Corrêa de Araújo, Haroldo de Campos, Carlos Ávila, Amílcar de Castro e Luiz Chiquitão entre os companheiros de trabalho. Ele exemplifica a influência da tipografia em seu trabalho ao comentar a edição de *Hai Tropikai*, de Paulo Leminski e Alice Ruiz:

Não é um livro tradicional, mas sim uma série de lâminas de papel Canson soltas dentro de um estojo de papel-cartão. Esse trabalho tem uma forte artesanaria tipográfica, porque a minha intenção foi colorir os haicais desses autores. Fiz tudo isso na minha impressora manual: eu travava rolos que se alimentavam de tinta no prato giratório e, com o rolo manual, fazia faixas de cores diversas sobre o prato. Soltos os rolos, eles absorviam tinta e misturavam sutilmente as várias cores, criando matizes, zonas de passagem de uma cor para a outra. Em um dos haicais se dava, por exemplo, o amadurecimento de uma fruta com a palavra “fruta”, que começava verde, passava pelo laranja e terminava em vermelho. Isso tudo feito manualmente.⁴

3. MELLO. *Guilherme Mansur*, p. 55-56.

4. MELLO. *Guilherme Mansur*, p. 51-52.

O trabalho como poeta e como artista gráfico de Mansur, duas facetas que se misturam em tantos projetos, a exemplo de *Bamboletras*, fonte criada com foco em sua forma, um círculo inspirado bambolê, e *Quadriláxia*, instalação feita com lixo tipográfico na qual ele compõe letras de diferentes famílias, corpos e tipos, é tratado rapidamente ao fim, em meio a outros projetos, nas últimas seções do livro. Diante da extensão da carreira do editor e o limitado espaço físico do livro, esses projetos ficam em segundo plano.

Com um personagem cuja história é tão rica e diversa, Simone Homem de Mello organizou um depoimento que funciona como um vislumbre da mente de um tipógrafo, poeta, artista gráfico e editor que desbravou caminhos próprios dentro do campo editorial. Considerando o número de enfoques possíveis, só pode ser considerado um mérito da sensibilidade da organizadora o fato de o lado humano do editor receber espaço no livro de dimensões pequenas:

Não era raro eu ter dias e dias de completa falta de ideias, de não saber o que fazer dentro da tipografia. E olhava para o maquinário, para os cavaletes, os quadrados e guarnições e aquilo não me dizia coisa alguma; eu estava emparedado, não conseguia fazer nada que valesse a pena. Naqueles dias, eu me afastava da tipografia.⁵

5. MELLO. *Guilherme Mansur*, p. 85.

As palavras de Mansur ganham ainda mais força com a lembrança de que ele está permanentemente afastado da composição com tipos móveis graças a uma distrofia muscular. Atualmente, ele trabalha com tipos digitalizados e fala em abrir um instituto tipográfico em Ouro Preto para registrar e manter viva a memória da arte à qual dedicou sua vida.

Ao fim de seu texto de apresentação à obra, Homem de Mello faz uma ressalva: “Lendo o livro findo, resta-me a impressão de que os depoimentos aqui registrados são apenas o início de uma conversa com e sobre Guilherme Mansur”. O sentimento de que a obra é apenas um começo é acertado, mas não indícios de diálogo no livro. A autora foi tão eficaz em desenvolver um texto que retratasse o editor com suas próprias palavras que ela mesma é invisível no texto final.

Para a sensação de incompletude, há uma solução possível: a busca por outras obras acerca do autor já publicadas. Entre elas, vem à mente o catálogo da exposição *Tipografia & poesia*, organizado por João Batista Santiago Sobrinho, Mário Alex Rosa, Rogério Barbosa e Wagner Moreira, pesquisadores e professores do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens e do Curso de Letras – Tecnologias da Edição, ambos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Enquanto o nono volume da coleção *Editando o Editor* mostra o ponto de vista do próprio editor, cujos relatos “deixam transparecer a importância da vivência do ofício artesanal”,⁶ o catálogo reúne, com riqueza de imagens, textos de Ronald Polito, Carlos Ávila, Amir Brito, Anelito de Oliveira e da própria Simone Homem de Mello, que contextualizam melhor algumas obras de Mansur.

O livro publicado pela Edusp e pela Com-Arte é relevante pela sua contribuição à história cultural artesanal e tipográfica, além de explicitar e registrar o trabalho admirável de Guilherme Mansur. É uma obra indicada para aqueles que gostariam de ter um panorama da história desse editor e para quem gostaria de ter contato com o olhar particular de um artista do texto e da imagem que enxerga letras como objetos e páginas como composição.

REFERÊNCIAS

MELLO, Simone Homem de. **Guilherme Mansur**. Coleção *Editando o Editor*, número 9. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Laboratório Com-Arte, 2018.

SANTIAGO SOBRINHO, João Batista; ROSA, Mário Alex; BARBOSA, Rogério; MOREIRA, Wagner (org.). **Tipografia & poesia**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2016.

Recebido em: 11/05/2018

Aceito em: 25/06/2018

6. Trecho retirado da quarta capa do livro, de autoria de Simone Homem de Mello.